

## A INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Alinice dos Santos Lara da Silva<sup>1</sup>

Claudia Dias Barbosa<sup>2</sup>

Jeane Laura de Almeida Flores<sup>3</sup>

Luciana Peres Farias Gomide<sup>4</sup>

Lucilene Regina dos Santos<sup>5</sup>

Maria Mazarelo do Nascimento<sup>6</sup>

Raianne Bruna da Silva Rocha<sup>7</sup>

**RESUMO:** A educação brasileira tem sido marcada pelas tendências liberais, pelo menos nos últimos cinquenta e cinco anos. A sociedade como um todo, especialmente os educadores, deseja uma disciplina ativa e educada, caracterizada pelo respeito, pela responsabilidade, pela valorização do conhecimento, pela comunicação, pela participação, pelo desenvolvimento do caráter e da cidadania. E começa em casa, onde os pais, que devem transmitir conhecimentos ao filho, são os primeiros modelos para os filhos.

**Palavras-chave:** Educação. Tendências Liberais. Educadores.

**ABSTRACT:** Brazilian education has been marked by liberal tendencies for at least the last fifty-five years. Society as a whole, especially educators, wants an active and educated discipline, characterized by respect, responsibility, appreciation of knowledge, communication, participation, development of character and citizenship. And it starts at home, where parents, who must transmit knowledge to their children, are the first models for their children.

1710

**Keywords:** Education. Liberal Tendencies. Educators.

### 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Andrade (2007, p. 129), no processo educacional, cabe ao operador família: Dar ao educando a educação informal, o que é denominado de “educação de berço”,

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, Especialista em Educação Infantil e Especial pela Faculdade das Águas Emendadas - FAE.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá – UNIC.

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia pela Faculdades Integradas de Várzea Grande – FIAVEC, Especialista em Educação Infantil pelo Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais – IESMIG.

<sup>4</sup> Graduada em Pedagogia, Especialista em Língua Portuguesa e Língua Espanhola.

<sup>5</sup> Graduada em Pedagogia pela UNIC – Universidade de Cuiabá, Especialista em Educação Infantil e Letramento pela Faculdade INVEST de Ciências e Tecnologia.

<sup>6</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar, Especialista em Educação Infantil – Anos Iniciais e Psicopedagogia pela Faculdade do Vale Elvira Dayrell.

<sup>7</sup> Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR, Especialista em Educação Infantil pela Universidade Pitágoras UNOPAR – ANHANGUERA.

os bons hábitos de higiene e de saúde, noções de respeito, de limites, de valores básicos, etc, dar o suporte econômico, no período que o filho não tiver condições para manter-se sozinho e somente até aí é obrigação da família prover-lhe “casa, comida e roupa lavada”, além dos recursos materiais e financeiros necessários à sua educação.

Não se trata de retornar à escola do passado, mas reinventar a escola do presente, que funcione. Para Souza (1998, p. 86) apud Segai, (2014, p. 120), a palmatória e o castigo físico eram o único modo social reconhecida de manifestação da autoridade, espelhava a brutalidade das relações de domínio da época, na política, no trabalho, no exército, na família e no casal, a palmatória, no imaginário social, comportava-se como um emblema da profissão docente, enquanto expressão do direito legítimo de comando, delegado aos professores pelas famílias.

## 2. DESENVOLVIMENTO

O mundo globalizado, diariamente, nos envolve em questões que há pouco tempo atrás nem imaginaríamos e hoje já encaramos como natural.

Por exemplo, se considerarmos dois dos aspectos mais importantes da relação educativa os conteúdos e os métodos de sua transmissão — torna-se evidente a possibilidade de serem influenciados diretamente pelos fenômenos da globalização: os conteúdos tradicionalmente transmitidos ou intercambiados precisam se reestruturar diante da invasão de novos conhecimentos, enquanto os métodos tradicionais de ensino encontram cada vez mais problemas, em face das novas tecnologias (o caso de um professor que tem medo dos computadores, quando os alunos os utilizam constantemente, já é um lugar comum) (AMODIO, 2006, p. 51).

1711

Diante dessas mudanças, a necessidade de criar mudanças fortes no processo de desenvolvimento humano também aumenta a cada dia. Esse contexto apresenta grandes desafios aos educadores das escolas públicas no que diz respeito à tarefa histórica de ensinar.

Uma coisa é educação. Outra é capacitação. A educação pode e deve conter ingredientes funcionais de capacitação. Mas esta última pode ser exercida, e o é com frequência, sem alçar-se ao que é essencial na educação: a formação da pessoa humana, para além da instrumentalização competente do indivíduo capaz (MOLL, 2012, p. 46).

Hoje, o aluno sofre todo tipo de influências na escola e apresenta novas formas em seu ser. Este aluno, um mundo ditado por novas relações, novas formas de cultura, meios de comunicação de massa, desenvolvimento tecnológico, consumo, violência, injustiça social, produto de novos pontos de vista, exige do professor novas perspectivas, novas atitudes.

Como resultado dessas situações que são enfrentadas em sala de aula pelo professor leva-o, muitas vezes, a surpresa tomada de consciência de que não conhece e não discute as questões fundamentais que determinam a existência desse “novo-aluno”.

As transformações sócio-históricas e culturais das últimas décadas veiculam discursos que pregam a necessidade de uma vivência civil mais democratizante e pluralista, por outro lado, elas têm sido tomadas, não raras vezes, como motivo de instabilidade e, deste modo, de importunação para os homens de fim/início de século.

Segundo Paulo Freire a liberdade é condição básica como princípio de uma pedagogia e, ao mesmo tempo, um fim. Pois se dirige a homens livres que lutam e reconhecem a opressão (ABRAMOWICZ, 2006, p. 154-155).

A imagem social da escola está ameaçada, algo de ameaçador está acontecendo também com a idéia de cidadania no Brasil, uma vez que não há cidadania sustentável sem escola. Tendo traçado o cenário da indisciplina, a questão de educar com decisão e responsabilidade, destacando questões da escola e da família, algumas considerações sobre indisciplina se fazem necessárias.

O educador não tem total domínio e controle do que está transmitindo. Transmite conteúdo e valores, mas muitas coisas ele pode estar passando nas entrelinhas, que vêm do inconsciente, como, por exemplo, um descontentamento com a profissão. Acontecendo uma relação transferencial entre professor e aluno, este pode transferir para o professor afetos dirigido a figura do pai.

No caso de não se relacionar bem com seu pai, não se dará bem com esse professor, independentemente do esforço do professor para conquistar esse aluno. Isso porque a relação transferencial é inconsciente. Da mesma maneira, o professor pode transferir uma série de questões suas, inconscientes, para o aluno.

Do mesmo modo que uma relação pedagógica pode começar por meio da transferência positiva que é substituída por uma transferência negativa, também pode começar por meio da transferência negativa que é substituída por uma transferência positiva. Essa facilidade de intercâmbio entre sentimentos antagônicos deve-se à configuração ambivalente da estrutura libidinal humana. O tipo de transferência fundadora da relação dependerá de o professor se encaixar a esse ou àquele protótipo (MORGADO, 2020, p. 121).

O estudo da indisciplina, é uma dos problemas para a Pedagogia atual, nos deparamos com todo um contexto de Psicanálise e Educação a ser estudado, entendido, começando pelo fato de que todo adulto perante uma criança depara-se, de fato, com sua própria infância recalçada. Que uma educação torna-se possível, precisamente, à medida que o adulto

desdobra a diferença entre a criança que foi uma vez para outros e essa criança real junto à qual deve sustentar uma palavra educadora.

Finaliza-se acerca do cenário da indisciplina dizendo que é preciso superar o fato de que o adulto de hoje não educa em razão de um dever ser que emana da geração anterior, mas em nome de uma certeza quase futurista.

Dessa forma, o aluno disciplinado e aquele que se encaixa no molde de uma criança ideal, e o indisciplinado é, ao contrário, aquele cuja imagem aparece institucionalmente fora de foco. Como sabemos, ao primeiro se reserva tudo; ao segundo, seu reverso narcísico o império arbitrário da quase lei da (psico)pedagogia hegemônica (AQUINO, 1996, p. 31).

A regra geral tem sido os alunos não se preocuparem com a aula e o professor precisar conquistá-los numa relação franca, amistosa, cordial. Perdeu-se a noção de que a posição mais elevada na hierarquia escolar é ocupada pelo conhecimento e não pela simpatia do professor.

Entretanto, cabe ao educador conhecimento para que se possa dialogar de forma coerente, tentando descobrir na mesma solução ou intervenção do problema que possa existir diante de um aluno indisciplinado.

As relações sociais na escola podem constituir-se tanto em fontes de independência e autonomia quanto de alienação e subalternidade. Quando professores e alunos não se envolvem de maneira firme e consciente com a construção de relações recíprocas de respeito, cooperação e solidariedade e se voltam de maneira simplista para a adoção de medidas coercitivas de controle e punição, reforça-se o circuito de alienação do quais todos participam ainda que inadvertidamente (MEIRA & ANTUES, 2003, p. 25).

No entanto, a escola pode abrir mão de sua responsabilidade quanto à disciplina que, realmente, é um problema bastante complexo, pois envolve a formação da consciência do sujeito, de seu caráter e da cidadania.

As escolas mais permissivas, que mais “escutam” os alunos, negociam, são também as mais violentas. Isso não quer dizer que os alunos não devam ser ouvidos em sua condição de estudantes, de sujeitos de formação. O que não é para seguir tudo o que dizem/reivindicam como se fossem ordens a serem cumpridas. Ouvir é uma coisa. Seguir a direção que eles querem impor é outra. Não se pode perder a autoridade legitimada pelo conhecimento. Muitos problemas relacionados com a indisciplina têm origem na questão do desrespeito do aluno que sai a todo o momento, fica conversando fora do assunto, não faz as lições, agride o colega e o professor.

No entanto, uma coisa é a autoridade do professor e da escola, com base no conhecimento e na tarefa educativa, outra coisa é o autoritarismo. A autoridade é algo da

própria estrutura do encontro entre um adulto e uma criança. Já se essa autoridade for fundada sobre bases ilegítimas, conduz ao autoritarismo e às injustiças.

A diferença entre ter autoridade e ser autoritário é muito simples. Uma pessoa com autoridade vai cuidar. Cuidar significa oferecer à criança o contorno, a fronteira até onde ela pode ir. Quando digo "não" para um menino de cinco anos é porque ele ultrapassou essa fronteira ou esse limite que eu, como pai, mãe ou professor estabeleci para ele. Dizer "não" vai resultar em um processo de crise para a criança de três a cinco anos, chamado frustração. E a crise de frustração. Ela vai xingar, gritar, se jogar no chão, e aí entra a diferença entre autoritarismo e autoridade. A autoridade é afetiva e permite a crise, que sempre tem começo, meio e fim. Uma criança em crise vai gritar, chorar e, no final, surge uma reação muito afetiva, quando ela vai chamar "mamãããee", ou "papaaiiii" e abraçar, beijar e pronto. O pai com autoridade permite a crise sem reprimir, sem ofender aquele espaço que a personalidade da criança precisa. Já o autoritarismo diz "não" e não permite a crise, isto é, o autoritarismo faz com que a criança receba o limite do não e receba um outro limite para a crise. As vezes, filhos de pais autoritários apanham porque tiveram uma crise de frustração. O autoritarismo é uma lesão, uma invasão, é uma violência, que não permite que o sujeito que recebeu o limite manifeste o que esse limite provocou nele (CAPELATTO, 2007, p. 83).

É preciso evitar o autoritarismo, lutar contra ele, mas lutar pela autoridade no processo educativo, na família e na escola, para que a escola cumpra o seu papel de educadora e disciplinadora, para que as suas referências estimulem os jovens a não caírem. Indisciplina, que se sentem respeitados e apoiados, respondem com respeito e comprometimento.

Ao retirar o autoritarismo, o sadismo pedagógico do contexto escolar, ele foi demolido junto com a autoridade decorrente da diferença entre professor e aluno.

1714

É que os alunos críticos acabam por se comportarem de um modo que, muitas vezes, parece incomodar ou atrapalhar o bom andamento das aulas. Talvez o problema seja então o de que nós, educadores, estejamos na maioria das vezes mais preocupados com o rendimento de nossos alunos do que com a formação de sua atitude crítica. Não se trata de assumir que toda contestação seja uma forma crítica e inteligente de posicionamento. É verdade que, muitas vezes, certas posturas contestadoras, questionam pelo simples fato de questionar destrutivamente. Em suma, mesmo que saibamos que o descaso e o desinteresse existem, devemos tentar ver, nas atitudes dos alunos, quais os subsídios que eles oferecem para a reflexão pedagógica e para a prática educativa (ROBLE, 2008, s/p).

A indisciplina nas escolas sempre impediu um bom progresso pedagógico, mas hoje as escolas vivem um momento crítico porque a situação tem piorado gradualmente. Os acontecimentos diários dentro e fora da sala de aula refletem-se na família e em outras instituições da sociedade.

## CONCLUSÃO

A indisciplina manifesta-se a vários níveis, desde pequenas violações (como entrar sem bater, faltar às aulas) até ao vandalismo e à violência contra indivíduos. Teoricamente,

muito poderia ser dito sobre as supostas causas da indisciplina, sobre o homem como ser social, sobre o papel da família e da escola na sociedade. No entanto, o que mais precisamos hoje são de recursos práticos que ajudem os professores e as administrações escolares a lidar com este problema.

As razões para a indisciplina podem não estar relacionadas com a sala de aula, tais como problemas familiares, colocação social ou escolar, superproteção parental, necessidades sociais, forte influência de deuses violentos, etc.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete, Lúcia et. al. **Educação como prática da diferença**. Campinas. SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

AMODIO, Emanuele. **A globalização: formas, conseqüências e desafios**. São Paulo: Loyola, 2006.

AQUINO, Júlio Groppa (org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

CAPELATTO, Ivan. **Diálogos sobre a afetividade**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

MEIRA, Marisa Eugenia Melillo; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino, (org.). **1715 Psicologia escolar: teorias críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MORGADO, Maria Aparecida. **Da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com afetos inconscientes**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2002.

MOLL, Jaqueline et al. **Caminhos da educação integral no Brasil: direito à outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

ROBLE, Odilon. **Escola e Sociedade**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

SEGAI, Robert. **Violência escolar: perspectivas contemporâneas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.